

UMA PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA SOBRE IDENTIDADE E ESTERÍOTIPO NO DISCURSO HUMORÍSTICO STAND UP COMEDY

A SOCIOLINGUISTIC PERSPECTIVE ABOUT IDENTITY AND STEREOTYPE IN THE HUMORISTIC DISCOURSE OF STAND UP COMEDY

Angélica Prestes Rosas*

Naraiane Taís da Silva **

RESUMO: Levando em consideração os pressupostos sociolinguísticos (GÖRSKI et al, 2010; COELHO, 2015; CASSELLA, 2016), entende-se que a variação linguística é um traço natural e constitutivo de qualquer falante, devido às questões sociais e aos aspectos internos da própria língua. Não há, portanto, homogeneidade: toda língua é essencialmente heterogênea - pertinentemente provida a partir de um relacionamento social que determina a identidade de cada falante (HALL, 2006). Partindo dessas considerações iniciais, este trabalho tem como objeto de análise o gênero oral *Stand-up Comedy*. O corpus desta pesquisa é composto pelo vídeo “Sotaque” do humorista brasileiro Fernando Caruso, publicado em 2011, disponível na plataforma de vídeos do *Youtube*. Objetivamos demonstrar que certos discursos acabam criando formas estereotipadas de determinadas comunidades de fala, conferindo, assim, uma identidade distante do real cultural e linguístico que de fato constituem esses grupos. Portanto, os resultados revelam que parte do discurso do humorista reproduzem e reforçam esses traços estereotipados sobre as variantes linguísticas e seus falantes, e que grande parte da audiência corrobora com a discriminação de sotaques ou dialetos que compõem o tecido linguístico brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística. Variação linguística. Preconceito linguístico. *Stand-up Comedy*.

* Graduado em Letras Português/Inglês, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/2018). Durante a graduação participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de Língua Inglesa (PIBID), atuando nas escolas Estaduais da Cidade de Cornélio Procópio, tendo como aparato o uso dos gêneros textuais, os recursos multimodais e as capacidades de linguagem (2017-2018). Especializada em “Educação no campo e Ensino de Literatura Inglesa” (UNIFCV/2020). E-mail: angelica-prestes@outlook.com.

** Graduado em Letras Português/Inglês, pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP/2018). Durante a graduação participou do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência de Língua Inglesa (PIBID), atuando nas escolas Estaduais da Cidade de Cornélio Procópio, tendo como aparato o uso dos gêneros textuais, os recursos multimodais e as capacidades de linguagem (2017-2018). Especializando-se em “Metodologia de Ensino em Língua Inglesa” (UNIFCV/2020). E-mail: naraiane.thais2@hotmail.com.

ABSTRACT: Taking into consideration sociolinguist assumptions (GÖRSKI et al, 2010; COELHO, 2015; CASSELLA, 2016), the linguistic variation approaches that every speaker has a natural trait, as such as, a constitutive mark of discourse, in reason of social environments, also, by intern aspects of a specific mother tongue. Therefore, there is not homogeneity of language: All speech is essentially heterogeneous, that is, comes from of a social relationship in which determinates own speaker identity (HALL, 2006). With this mind, this paper pretends to analyses an oral genre: *Stand-Up Comedy*. The object of this research is compound by video “Sotaque” from Brazilian humorist Fernando Caruso who published it in 2011 inside *Youtube* channel. In doing so, the objective is demonstrates to stereotyped forms of languages of a specific community of talking also cultural and linguistic features of a social group. As a result, part of humorist discourse makes reference to stereotypes ways of speech about linguistics variations and among native speakers of determinate mother tongue. Speaking of that, the artistic audience collaborates about linguistic prejudice as accents and dialects of different people of Brazilian states.

KEYWORDS: Sociolinguistic. Linguistic variation. Linguistic prejudice. Stand-up Comedy.

1 Introdução

Apesar dos gêneros do humor não serem comumente estudados pelos acadêmicos, eles possuem grande visibilidade em nossa sociedade devido a sua abrangência, pois os discursos humorísticos são disseminados pelos mais diversos meios de comunicação, principalmente, a internet.

Tendo em vista a concepção de Soares (2014), de que o humor adaptou-se ao ciberespaço e compreendo que os gêneros humorísticos por intermédio de seu discurso acabam atraindo os mais diversos tipos de públicos, esse estudioso, então, estabelece as sete formas de humor que possuem mais evidência na internet brasileira que no caso são:

[...] os blogs de humor, o humor no estilo *stand up*, os *vlogs*, a rede social de *microblogs Tumblr* (lê-se “tâmbler”), os provocadores, que geralmente criam perfis falsos nas redes sociais para ironizar pessoas e opiniões, o humor *nerd* e os *memes*, ideias que se propagam de maneira rápida e viral (SOARES, 2014, p. 6).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Portanto, conclui-se com essa afirmação de Soares (2014), que um dos gêneros do humor que ganharam força na internet é *Stand Up Comedy*. Com isso, pretendemos analisar esse gênero oral que possui inúmeros seguidores nas redes sociais, o que propicia a propagação de sua ideologia para a população, criando, dessa forma, valores e crenças.

Assim, a relevância dessa pesquisa ancora-se na importância do processo analítico crítico dos diversos textos que circulam nas mais diversas esferas de atividade humana, como um modo de compreender como os valores, crenças e conjuntos de ideias são ordenados e disseminados socialmente. Qualquer cidadão, linguista ou não linguista, deve ser capaz de identificar os mecanismos linguísticos que constituem os discursos e posicionar-se criticamente em relação a eles, como um modo de não agir ingenuamente diante dos textos. Contribuindo, inclusive, com pesquisas relacionadas a área de Sociolinguística a respeito da disseminação de estereótipos e preconceito linguístico presente nos discursos humorísticos.

Ademais, O *Stand Up Comedy* aborda em seus shows assuntos polêmicos, como: religião, sexualidade, entre outros. Por essa razão, segundo Vale (2013), o *Stand Up* é o grande responsável, além do politicamente correto, por esse novo tipo de humor e a nova geração de humoristas que enxergam no SUC uma maneira de criticar o sistema político-social do país.

Diante dos aspectos supramencionados, objetivamos analisar o discurso humorístico com base nos pressupostos teóricos da Sociolinguística (GÖRSKI et al (2010); COELHO (2015); CASSELLA (2016), Bagno (2004) etc) que compreendem o uso das variações linguísticas em seus diversos níveis e em seus diversos aspectos. Além de trazer apontamentos a respeito do conceito de identidade, utilizando estudiosos como Hall (2006), Lacerda (2013), Severo (2007), entre outros. Inclusive, trazemos os apontamentos a respeito do *Stand Up Comedy* e estudioso que o conceituam como gênero oral (Andrade (2017), Travaglia et al (2013), Dolz e Schneuwly (2004) etc) Portanto, usar os pressupostos teóricos da sociolinguística nos permite compreender como o discurso humorístico fomenta diversos estereótipos em nossa sociedade, acarretando o preconceito linguístico.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Assim, inicialmente, discorreremos a respeito de alguns conceitos da sociolinguística, além de trazermos algumas percepções sobre as variações linguísticas e as relações entre identidade e estereótipo que acabam ocasionando o preconceito linguístico e a exclusão social. E, por fim, analisaremos o Stand Up do humorista Fernando Caruso, coletado da página eletrônica do Youtube, denominado “Fernando Caruso – Sotaque”.

2 Sociolinguística

A sociolinguística surge na década de 60 como uma reação ao estruturalismo e ao gerativismo, visto que essas abordagens não consideravam os fatores sociais e externos (história, sociais, ideológicos) da língua (GÖRSKI et al, 2010). Desse modo, compreende-se que essa é uma área da linguística que objetiva analisar a relação entre a língua e a sociedade, visando explicar como a língua pode modificar-se dentro de determinado contexto social, inserido em uma comunidade. Por conseguinte, a concepção de língua apresentada por esse método de estudo, compreende-a com uma forma capaz de modificar-se com o tempo e espaço, ou seja, ela está suscetível a variação e a mudança linguística (COELHO, 2015).

Ademais, a sociolinguística visa analisar a fala de um indivíduo ou de um grupo social, denominado de comunidade de fala (doravante CF¹). Diante disso, cada CF possui traços linguísticos característicos, possuindo duas funções:

Fornece, em primeiro lugar, uma base fundamentada para explicar a distribuição social de semelhanças e diferenças linguísticas, a razão porque certos grupos de falantes compartilham traços linguísticos que os distinguem de outros grupos de falantes. Em segundo lugar, a noção de comunidade de fala fornece uma justificativa teórica para unir os dialetos de falantes individuais (que são os únicos objetos linguísticos cuja existência se pode realmente observar), em objetos maiores, as línguas (que são, na verdade, construções abstratas). (GUY, 2000, p. 18)

Assim, para os sociolinguistas, em toda CF¹ são constantes as formas linguísticas em variação e “a essas formas em variação dá-se o nome de variantes.

¹ CF: Abreviação para “*comunidade de fala*” (grupo de falantes que nem sempre fazem uso de uma mesma linguagem, e que compartilham um conjunto de normas, assim como, regras para o uso de uma determinada língua).

Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística” (TARALLO, 1997, p.24).

Além disso, a sociolinguística considera a heterogeneidade da língua, pois, de acordo com a perspectiva de Labov (apud GÖRSKI et al, 2010, p.22), não existe CF homogênea, já que “existe variação inerente à comunidade fala - não há dois falantes que se expressam do mesmo modo, nem mesmo um falante que se expresse da mesma maneira em diferentes situações de comunicação”. Assim, conclui-se que a língua é constituída por um conjunto de variedades, sendo possível defini-las segundo as mudanças linguísticas que ocorrem por diversos fatores, como, por exemplo, escolaridade, idade, gênero, entre outros aspectos.

No entanto, essa heterogeneidade da língua é estruturada, possuindo regras variáveis, que são permitidas em certos contextos linguísticos e sociais, ou seja, em determinados lugares falamos de uma forma e, em outras situações, nos comunicamos de outro modo.

[...] O aparato teórico e metodológico da sociolinguística surgiu, e até hoje vem sendo construído para que, com cada vez mais precisão, essa realidade até então posta de lado nos estudos linguísticos seja compreendida, levando-se em conta a influência não só dos elementos internos da língua, mas dos elementos externos a ela [...]. (GÖRSKI et al, 2010, p.24)

Por fim, embora cada CF possua traços linguísticos característico e regras variáveis, isso não impossibilita que indivíduos de CF diferentes possam comunicar-se, pois a língua é um sistema organizado, fazendo com que os falantes de determinadas regiões se compreendam mesmo que haja a diversidade linguística.

3 Variação Linguística

Para os propósitos de análise neste artigo, compreendeu-se como necessário determinar os tipos de variação linguística, focalizando, exclusivamente, os fatores extralinguísticos. Ainda, salientamos que estes recortes serão realizados para efeito de estudo científico, visto que “a variação não atinge somente um nível da língua e nem se dá a partir de um só aspecto, externo ou interno” (CASSELLA, 2016, p.88).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Deste modo, é possível afirmar, com um bom grau de acerto, que a variação se manifesta no nível fonético-fonológico, no morfológico, no sintático, no semântico, no lexical e no pragmático. Podemos estudar a variação em cada um destes níveis isoladamente, mas ela não ocorre assim. Os fenômenos de variação podem ocorrer – e efetivamente ocorrem – atingindo dois, três ou vários níveis ao mesmo tempo. É o que acontece, por exemplo, com a marcação do plural somente no primeiro item de um sintagma, como em “as casaØ bonitaØ” por “as casas bonitas”, em que há variação sintática na concordância e variação morfológica na ausência do morfema {-s}. (CASSELLA, 2016, p.88)

Já as variações externas da língua são catalogadas como regional ou diatópica; social ou diastrática; estilística ou diafásica; na fala ou na escrita ou diamésica, portanto, iremos dividi-las e classificá-las, visando a concepção proposta por Görski et al (2010) no livro *Sociolinguística*.

A variação regional ou diatópica permiti-nos identificar, às vezes com precisão, a origem de um sujeito por meio de seu modo de falar, por exemplo, saber quando um falante é gaúcho, mineiro ou nordestino. Logo, esse tipo de análise pode ocorrer entre unidades espaciais diferentes, já que pode acontecer variação regional entre Brasil e Portugal, entre Paraná e Santa Catarina, etc. Assim, para exemplificarmos melhor esse tipo de variação apontamos a pronúncia de vogais /e/ e /o/ pré-tônicas, como nas palavras ‘peteca’ e ‘moderno’, que no dialeto nordestino são pronunciadas abertas (p[ɛ]teca – m[o]derno, já no dialeto do sudeste são pronunciadas fechadas (m[o]derno e p[e]teca) (GÖRSKI et al, 2010).

Já em relação a variação social ou diastrática, considera-se que as diferentes características sociais do falante refletem na sua maneira de comunicar-se. Desse modo, os principais fatores que interferem nesse processo são o grau de escolaridade, o nível socioeconômico, o sexo/gênero, a faixa etária e a profissão. Diante disso, falantes que possuem maior nível de escolaridade costumam marcar o plural nos elementos de um sintagma nominal como ‘as meninas bonitas’, assinalando o plural em todos os elementos, diferentemente de uma comunidade menos letrada que marcaria o plural somente em um sintagma ‘as menina bonita’, por exemplo.

A variação estilística ou diafásica corresponde as diferentes formas linguísticas utilizadas por um falante em determinado contexto, tendo como exemplo a maneira como falamos em casa não é o mesmo modo de falar que empregamos no

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

nosso emprego. Por conseguinte, “o que está em jogo aí são os diferentes “domínios sociais”: na escola, na igreja, no trabalho, em casa, como os amigos etc. Os papéis sociais que desempenhamos vão se alternando em conformidade com as situações comunicativas [...]” (GÖRSKI et al, 2010, p.82).

Em sequência, temos a variação na fala e na escrita ou diamésica, que segundo Casella (2016), é a comparação entre a língua falada e a língua escrita e ao grau de monitoramento do falante, ou seja, no proferimento de uma palestra, o texto falado é uma atividade espontânea, “improvisada e suscetível a variação nos mais diversos níveis” (GÖRSKI et al, 2010, p.83). Em compensação, a escrita estabelece-se como artificial, ensaiada, já que existe nela a possibilidade de planejamento, revisões e reformulações, sendo um pouco menos variável, pois “está vinculada à produção de gêneros sobre os quais há mais regras e maior monitoramento” (GÖRSKI et al 2010, p.83).

Apesar de Görski et al (2010) não apresentar a variação diacrônica, julgamos necessário discorrer sobre ela, já que a sociolinguística compreende que as mudanças linguísticas ocorrem durante o tempo e o contexto social. Logo, essa abordagem entende que a língua é afetada conforme a passagem do tempo, por exemplo, ‘vossa mercê’ transformou-se atualmente em ‘você’ (CASELLA, 2016).

4 Uma perspectiva sociolinguística sobre a identidade

A identidade desenvolve-se de diferentes formas, dando-se de modo complexo, já que nesse processo interferem diversos fatores: sociológicos, psicológicos, cognitivos e culturais (SEVERO, 2007). Assim, a formação da identidade acontece ao longo do tempo por meio de processos inconscientes e não imediatos, que são permeados desde o nascimento.

Desse modo, durante a formação identitária a língua desenvolve um papel primordial, já que os indivíduos são formados na e pela linguagem. Ademais, Scherre (2005 *apud* OLIVEIRA; BARONA, 2011, p.194) salienta que “um povo se individualiza, se afirma e é identificado em função de sua língua”, além de ser necessário a interação com outro, pois é por intermédio da fala que “o sujeito se compõe, estabelecendo as

diversas relações sociais e retratando o conhecimento de si próprio e do mundo, ou seja, seus valores ideológicos e visões de mundo”.

Para a sociolinguística certas construções linguísticas determinam a identidade do falante, possibilitando, assim, constatar os diversos fatores como o profissional, o pessoal e até mesmo as regiões de cada país (SEVERO, 2007). Além disso, quando utilizamos a língua para produzirmos significados, traremos à tona nossos posicionamos de acordo com as regras linguística, levando em consideração a nossa cultura, pois a língua é um sistema social e não um sistema unitário (HALL, 2006).

Ao recortarmos o termo “identidade”, carregamos, ainda assim, o “cultural”. Podemos, aqui, fazer um paralelo com a sociolinguística laboviana: assim como na perspectiva sociolinguística, o termo identidade traz consigo a ideia de social, na perspectiva sociológica acima descrita, o termo identidade traz a ideia de cultural. Dessa forma, em ambas as perspectivas os termos ‘social’ e ‘cultural’ carregam o mesmo teor de transposição da identidade do sujeito. (LACERDA, 2013, p.43)

Assim, entende-se que a língua, em práticas sociais e culturais, é empregada, muitas vezes, como um modo de expressão da identidade. Por conseguinte, observamos que a língua parece estar ‘intrinsecamente’ relacionada a cultura de um povo, nacional e regionalmente, tendo a língua como meio para um povo representar suas ideologias, sua existência social e sua percepção de nação (LACERDA, 2013).

[...] o falante “somente” se apresenta como “real” no momento em que se estabelece no seu meio social. É a partir dessa socialização que o indivíduo passa a ter uma estreita relação com sua comunidade de fala. Inserido em sua comunidade, agora ele é um dos elementos da interação e do processo social da existência. Pensando nisso, é importante lembrar que o contexto tem uma participação muito importante na construção da identidade linguística, pois muitas vezes ele vai ditar o que é e o que não é dito. Essa concepção de contexto atravessa diversas práticas linguísticas do falante, não apenas fixa sua identidade como usuário de uma língua, mas também marca a identidade, a depender do contexto, do seu interlocutor. Nessa perspectiva, a mensagem poderá ter seu significado determinado e, assim, refletir a identidade dos indivíduos envolvidos. (RAJAGOPALAN, 1998 *apud* LACERDA, 2013)

Tendo como base a concepção de Rajagoplan (1998 *apud* LACERDA, 2013, p.44), salienta-se que as formações discursivas são modeladas conforme a fala do sujeito em ação, pois as palavras são ditas conforme o uso do discurso, já que é por

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

intermédio dos gêneros do discurso que nos comunicamos, devendo tê-los, então, como uma forma de interação, “um meio de produção de enunciados específicos”. Portanto, é a partir do enunciado que podemos perceber as diversas significações trazidas durante o discurso, como: o posicionamento do sujeito, seus conhecimentos, sentimentos, etc. (MACHADO; OLIVEIRA, 2013).

Além disso, devemos considerar que um discurso se formula por meio da existência de interlocutores e enunciadore, além de ocorrer por meio de uma interação em um contexto linguístico específico. Diante dessa afirmação, compreende-se que “o indivíduo é determinado pela socialização, é também determinado pelas memórias que agrega e altera no decorrer de seu convívio social” (LOPEZ; DITTRICH, 2005, p.1303).

Diante desse convívio social, ao qual estamos expostos, e por meio dessas interações ocorridas em comunidade, que as memórias individuais acabam sofrendo alterações, produzindo “mudanças nas crenças e nos valores identitários do indivíduo. Essas possibilidades nos mostram que o falante não é apenas um mero observador, ele é, também, um agente social de sua identidade” (LACERDA, 2013, p.45).

Partindo dessa perspectiva, existem alguns discursos, em nossa sociedade, que são propagados pelas mídias tradicionais (TV, jornais, rádios) ou pelo ciberespaço (internet) que acabam fomentando alguns tipos de julgamentos errôneos sobre determinados assuntos, alimentando a concepção de que certos valores ou crenças são melhores que a de um grupo ou classe social ou criando tipos de estereótipo.

Desse modo, baseando-nos no conceito de Labov (*apud* GÖRSKI et al, 2010), o qual aponta que no nível de consciência, que o falante possui sobre determinada variável, podemos distinguir três traços distintivos: os estereótipos, os marcadores e os indicadores.

Os Estereótipos são traços conscientes que conduzem as mudanças linguísticas rápidas e a extinção das formas censuradas, podendo ser consideradas positivas ou negativas, como, por exemplo, o fonema /e/ átono final pronunciado como [i], como em ‘leite quente’ ou o fonema // de encontro consonantais pronunciados /r/ como em ‘craro’, ‘Craúdia’. Ainda, segundo Görski et al (2010, p.33) os Estereótipos

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

são usados, normalmente, de forma exagerada, “na composição de personagens de programas humorísticos, em piadas, e mesmo em novelas e em filmes”.

Dessa maneira, torna-se preciso distinguir identidade de estereótipo. Segundo Carvalho (2011, p. 47):

[...] a identidade é considerada social, imaginária e representada, assumida pelo grupo que a construiu, mas isto não significa que ela não tenha origem em uma realidade. O estereótipo também é tido como social, imaginário e construído, e normalmente está associado a uma imagem negativa. Assim, o estereótipo utilizaria de uma representação que um determinado grupo, a princípio, não assume, mas que lhe é atribuída pelo outro. Portanto, percebe-se que a identidade é assumida pelo grupo que a criou, já o estereótipo não (CARVALHO, 2011, p. 47).

Em contrapartida, os Marcadores são usados, muitas vezes, de maneira inconsciente, apesar de muitos falantes diagnosticarem esse ato de linguagem como ‘feio’ ou ‘errado’, fazendo uso deles sem perceber. Por exemplo, o emprego do ‘tu’ (utilizado para referir-se a um interlocutor íntimo) e ‘você’ (quando o interlocutor é desconhecido ou mais velho). Embora esses usos não sejam estigmatizados, eles são correlacionados as variáveis estilísticas (grau de intimidade) e sociais (como a faixa etária dos falantes) (GÖRSKI et al, 2010).

Os Indicadores são traços linguísticos que apresentam uma divisão organizada em grupos socioeconômicos, étnicos, etários, “utilizados por cada indivíduo mais ou menos do mesmo modo em qualquer contexto; são traços socialmente estratificados, mas não sujeitos à variação estilística, com pouca força avaliativa e com julgamentos sociais inconscientes” (LACERDA, 2013, p.36). Para exemplificar, podemos citar a monotongação dos ditongos /ey/ e /ow/ em palavras como peixe/pexe, feijão/fejão, couve/cove, couro/coro. Essas variáveis são ferramentas relevantes para os sociolinguistas, auxiliando-os a compreender o processo das mudanças linguísticas. Com isso, os estudos e as pesquisas sociolinguísticas, ajudam a compreender melhor o preconceito linguístico.

Assim, uma das maiores contribuições da sociolinguística está direcionada para o combate da disseminação das ideias que propagam a existência de uma língua superior a outras, procurando combater o preconceito linguístico na sociedade, já que muitas pessoas sofrem constrangimentos ou até mesmo são humilhadas, quando são

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

considerados falantes linguisticamente inferiores, pois não utilizam a norma padrão da língua (FARACO, 2005).

Portanto, de acordo com Görski et al (2010, p.35), muitos estudiosos e gramáticos, até membros da comunidade mais letrada da sociedade, argumentam que existe, em uma língua, “construções corretas e incorretas, melhores e piores, e que os falantes que ‘erram’ em suas escolhas ao falar ao escrever são consequentemente imperfeitos [...]”, considerando-os, além disso, inferiores cognitivamente.

Para solucionar esse problema social que envolve o preconceito linguístico, Bagno (2004, p. 115) propõe:

[...] a primeira campanha a ser feita, por todos na sociedade, é a favor da mudança de atitude. Cada um de nós, professor ou não, precisa elevar o grau da própria autoestima linguística: recusar com veemência os velhos argumentos que visem menosprezar o saber linguístico individual de cada um de nós. Temos de nos impor como falantes competentes de nossa língua materna. Parar de acreditar que “brasileiro não sabe português”, que “português é muito difícil”, que os habitantes da zona rural ou das classes sociais mais baixas “falam tudo errado”. Acionar nosso senso crítico toda vez que nos depararmos com um comando paragramatical e saber filtrar as informações realmente úteis, deixando de lado (e denunciando, de preferência) as informações preconceituosas, autoritárias e intolerantes. (BAGNO, 2004, p. 115).

Embora muitos livros de gramática e estudiosos perpetuem vários mitos (o português é muito difícil; as pessoas sem instrução falam errado; a língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente; o certo é falar assim porque se escreve assim; é preciso saber gramática para falar e escrever bem etc), eles são facilmente desmitificados, como foi realizado no livro Preconceito linguístico: o que é, como se faz do estudioso Bagno (2004). Ademais, nessa obra, o autor critica a valorização da língua escrita sobre a língua falada, argumentando que “infelizmente, existe uma tendência (mais um preconceito!) muito forte no ensino da língua de querer obrigar o aluno a pronunciar “do jeito que se escreve”, como se essa fosse a única maneira “certa” de falar português” (BAGNO, 2004, p.115).

Em suma, o preconceito linguístico auxilia a discriminação de classes mais baixas que não possuem acesso à norma padrão da língua, disseminando uma ideologia que prega a exclusão social, portanto, torna-se necessário trazer esse

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

problema para superfície para que possa ser combatido com práticas de inclusão (PELINSON; SILVA; RIBEIRO, 2014).

5 *Stand Up Comedy*: Gênero oral

Para um gênero ser considerado oral é preciso possuir como suporte a voz humana, além de ser elaborado visando ter uma realização oral (ANDRADE, 2017). Assim, somente são vistos como gêneros orais aqueles que foram redigidos com a finalidade de ser oralizado, como: “conferências; peças teatrais; novelas e filmes; notícias faladas em telejornais e no rádio etc” (TRAVAGLIA et al, 2013). Portanto, se o gênero foi realizado para ser efetuado oralmente, mesmo possuindo uma versão escrita, ele será considerado oral.

Segundo a perspectiva de Travaglia et al (2013), para caracterizar um gênero como oral somente pela sua realização falada é uma tarefa complexa, pois, como o romance, o conto, o artigo científico, podem ser lidos, porém não foram efetuados para serem oralizados. Entretanto, os filmes, as novelas, os esquetes humorísticos, o *Stand Up Comedy*, foram produzidos para serem proferidos oralmente e, por essa razão, são concebidos como gêneros orais (TRAVAGLIA, 2013). Além disso, há outros gêneros que são originariamente orais e “são transcritos como os casos/causos, as piadas, e outros que são sempre orais e se mantêm assim, ou seja, não possuem versão escrita como os leilões” (ANDRADE, 2017, p.35).

Ademais, Dolz e Schneuwly (2004, p.127) conceitua “o termo oral” como “tudo que concerne à boca ou a tudo aquilo que se transmite pela boca”. Em oposição ao escrito, o oral reporta-se à linguagem falada, realizada graças ao aparelho fonador humano [...], além dos autores caracterizarem duas práticas que são pertencentes aos gêneros orais: o oral espontâneo e a escrita oralizada. O primeiro, oral espontâneo, é a fala improvisada em um contexto de comunicação, sendo considerada fragmentada, descontínua, porém possui uma estabilidade e o segundo, escrita oralizada, está relacionado aos trabalhos orais, naturais da escrita, sendo referido as produções lidas ou recitadas (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004).

Embora o SUC² seja produzido originalmente na escrita, de acordo com Andrade (2017), não podemos considerá-lo como um gênero oral previsível, pois a apresentação é feita com base no improviso, de forma que a plateia só toma conhecimento do conteúdo durante a apresentação. Assim, “os textos devem ser inéditos; é “proibida”, conforme as regras do Stand Up, a apresentação de, por exemplo, piadas prontas” (ANDRADE, 2017).

Desse modo, tanto na internet quanto em casas de shows ou nas mídias tradicionais (televisão e rádio), os comediantes SUC baseiam-se em aspectos do cotidiano para formular suas piadas. Além disso, para efetuar o *Stand Up*, os comediantes devem “fazer a apresentação de ‘cara limpa’, valendo-se apenas de um microfone, sem nenhum outro recurso ou cenário”. Soares (2013) alega que “para ter sentido, ou graça, o humor tem de, além de estar na mesma ordem temporal, ser totalmente vinculado a um contexto cultural/social específico”, ou seja, para compreender uma piada é preciso saber o que está acontecendo atualmente, pois é levado em consideração o conhecimento prévio do espectador.

Soares (2013) aponta que não existe uma forma correta, normas ou leis para praticar o SUC e para sustentar esse posicionamento, o estudioso utiliza uma citação do comediante Bruno Motta, que discorre a respeito, segundo o humorista: “não há um ministério da comédia Stand Up que proíba esta ou aquela maneira de fazer”, no entanto, existem delimitações que são as diretrizes aplicáveis e delineadoras dessa modalidade, fazendo com que notemos sua distinta forma de compreender o meio, a cultura e a sociedade de forma ironizada.

Desse modo, o SUC aborda em seus shows assuntos controversos (o aborto, religião, sexualidade etc), fazendo com que o esse material linguístico evidencie ideologias e, conseqüentemente, impasses e discordâncias, por exemplo. Assuntos relacionados a substituição de termos considerados preconceituosos são, frequentemente, pauta de discussão entre os que adotam uma perspectiva politicamente correta do humor e os que acreditam que o humor é um campo discursivo em que não há limites

² SUC: Abreviação para a palavra da língua Inglesa “*Stand Up Comedy*”.

Portanto, objetivamos analisar o discurso humorístico *Stand Up Comedy*, utilizando os conceitos encontrados na variação linguística diatópica, para mostrarmos que determinadas CF ganharam uma caracterização da fala estereotipada devido ao modo como ela é perpetuada pela mídia, criando um tipo de identidade para essas CF. Além disso, o discurso usado pelo comediante acaba disseminando a concepção de que existem línguas superiores e, portanto, ocasionando o preconceito linguístico.

6 Análise e discussão

Para fins de análise, optamos por um corpus coletado da página eletrônica do *Youtube*, denominado “Fernando Caruso – Sotaque”³, sendo esse vídeo um fragmento retirado do DVD da companhia de Humor, Comédia em pé, gravado em 2008 e postado, posteriormente, em 2011, nessa rede social. Para a análise procedemos uma prévia transcrição da fala do humorista, além de salientar que os trechos transcritos neste trabalho são destacados em itálico, para uma melhor compreensão do leitor.

Assim, nesse SUC, o humorista discorre sobre os diferentes modos de falar de cada região, criando uma identidade estereotipada. Segue de exemplo, o seguinte excerto:

Quando eu fui para Curitiba fazer show, em Curitiba fazer apresentação lá de humor. É verdade os boatos que existem em Curitiba. Eu sempre ouvi isso e é verdade que tem muita gente bonita. Todo mundo é bonito em Curitiba. Mulher é bonita, homem é bonito, cachorro é bonito, todo mundo é bonito (plateia ri). Eu estava me sentindo muito deslocado (Plateia ri alto). As pessoas me perguntavam: “Você não é daqui não, né?”. Eu falava: “não, como você sabe? Sotaque?” _ “Sotaque não! É outra parada, deixa quieto” (Plateia ri/ Humorista vira-se representando sentir-se envergonhado) (CARUSO, 2008).

O comediante caracteriza os curitibanos, de forma geral, construindo uma identidade, pois considera que os indivíduos daquela região possuem uma beleza estética privilegiada (Todo mundo é bonito em Curitiba). Conferindo um senso que baseado no comum, já que afirma: “é verdade os boatos que existem em Curitiba. Eu sempre ouvi isso e é verdade que tem muita gente bonita” (CARUSO, 2008).

³ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L2GRJu_fX_U

No entanto, quando o humorista se refere ao sotaque carioca, percebe-se uma certa aversão:

O carioca ele é meio que por definição meio marrento. Não tem como a gente fugir. Você vai pedir, por exemplo, uma informação para um carioca “Onde é que fica a rua Aristides Spínola?” e o carioca responde: _ “Porra, brother! Sei não!” (imitando o sotaque carioca) (plateia ri alto). Sabe... parece que a rua é escrota. (plateia continua rindo). “Nada a ver aí!” (sotaque carioca). (CARUSO, 2008)

Caruso caracteriza o sotaque carioca como marrento, dando a impressão de não ser um povo acolhedor devido ao seu modo de falar e isso causa certa aversão ao humorista, pois afirma que a maneira como esse falante comunica-se parece-lhe “escroto”. Com isso, percebemos a concepção do comediante em relação a região em que mora, expondo seu posicionamento e sentimento. Assim, nota-se que quando o profissional do humor utiliza essa percepção sobre os cariocas, obtemos um ponto de vista estereotipado sobre essa CF, colocando todos os indivíduos como “marrentos”, conferindo-lhes uma identidade. Em seguida, o humorista volta-se para o sotaque mineiro:

Uma vez a gente fez uma apresentação em minas também e veio uma senhora toda simpática, toda solista. Falando como uma câmara na mão (gesticula fazendo que está com uma câmara na mão). “O senhor dá licença?” [pausa] (Sotaque mineiro/plateia ri). “Será que o senhor se incomoda?” (plateia ri baixo) [pausa] _ “De eu tirar uma fotinha com o senhor?” (plateia ri). Vou fazer o quê? Vai se foder velha escrota? (plateia ri alto). Não tem como, eu sou trouxa pelo sotaque mineiro, sério, eu sou... Sei lá, eu caio no sotaque mineiro. Eu acho se aquela senhorinha me pedisse qualquer coisa eu... que eu ia sei lá... “o Senhor me dá licença?” (sotaque mineiro). “Será que o senhor se incomoda?” (sotaque mineiro) (plateia ri baixo). _ “De eu enfiar o dedo no cú do Senhor?” (sotaque mineiro) (Plateia ri alto) “Só um dedinho só?” (sotaque mineiro/gesticula o dedo mindinho/risos e aplausos). [pausa]. Imagina, que isso, minha senhora, para que fazer cerimônia? (vira a bunda para a plateia). (humorista ri). “Senhor da licença?” (sotaque mineiro). (plateia ri). “Será que o senhor se incomoda de eu cerrar sua perna com a serra elétrica?” (sotaque mineiro/ plateia ri). (CARUSO, 2008).

Percebe-se nesse excerto que o comediante concebe o povo mineiro como solícito, pois deixa transparecer essa característica com seu modo de falar, compreendendo que a identidade que o humorista cria dessa CF é baseada em uma perspectiva estereotipada. Como afirma Guida e Evangelista (2005), os mineiros

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

possuem a característica comumente associada a um “*bom sujeito*”. No entanto, muitas vezes, possuem uma personalidade opostas, “como o desconfiado e o astuto, o tímido e acolhedor. Essa construção discursiva pauta-se na harmonia coletiva e no consenso de que tais características são típicas desse povo.” (GUIDA; EVANGELISTA, 2005, p. 1).

Além disso, nota-se que a forma relatada pelo humorista sobre o sotaque utilizado pelos falantes do Rio de Janeiro traz consigo o preconceito linguístico, já que o profissional do humor critica o modo de falar dessa região. Os traços socialmente estereotipados pelos falantes, que estão sujeitos a variação linguística, recebem julgamentos de cunho avaliativo que também são acarretados pelo nosso sistema inconsciente (LACERDA, 2013). E, isso ocorre quando o comediante retrata os falantes do Rio de Janeiro: “Onde é que fica a rua Aristides Spínola?” e o carioca responde: _ “Porra, brother! Sei não!” (imitando o sotaque carioca) (plateia ri alto). Sabe... parece que a rua é escrota. (plateia continua rindo). “Nada a ver aí!” (sotaque carioca). [...]” (CARUSO, 2008).

De fato, as pessoas com diferentes estilos de linguagem são acometidas com diversos tipos de discriminações, além de serem humilhadas e rotuladas como seres inferiores em relação a linguagem (FARACO, 2005). Para a sociolinguística, esses diferentes estados de linguagem são providos pela variação linguística diatópica que é ocasionada pelas regiões encontradas em determinado país ou região. Isto é, as regiões nordestinas ou regiões do sudoeste do Brasil, por exemplo, possibilitam os diferentes sotaques, já que a mudança linguística é permeada por fatores internos e externos e com isso grande parte dos sotaques surgem como estratégia de comunicação (CASELLA, 2016).

Por essa razão, é incorreto afirmar que os diversos tipos de variações linguísticas são um erro linguístico. A variação ocorre por vários fatores como faixa etária e escolaridade, principalmente quando se trata das regiões brasileiras que são subdesenvolvidas. Nesse quesito, a sociolinguística entende que deve haver um sistema de inclusão quanto aos diferentes falantes de uma língua padrão (PELINSON; SILVA; RIBEIRO, 2014).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Ademais, a aceitação do público em relação ao humorista, deixa claro a posição dos presentes, já que seus ouvintes concordam com a visão do locutor sobre as diferenças linguísticas, o que acarreta a exclusão social de um determinado grupo de falantes regionais e isso torna-se visível devido a reação da plateia que ocorrem de forma gradativa:

Diferente por exemplo do sotaque mineiro, por que o sotaque mineiro ao contrário do carioca ele é absolutamente solícito. Não tem como se você para para pensar, você fica puto com o mineiro (plateia ri baixo). “Cê” imagina o mineiro virando para você falando “aaou”. _Por que você não vai se fodê uai?! (sotaque mineiro) (Plateia ri alto) [pausa]. Ué, tá bom! (plateia aplaude). (CARUSO, 2008).

Embora a fala do locutor possa ser compreendida pelo receptor, ali existiu uma quebra linguística quanto a norma padrão da língua, visto que o humorista utiliza uma linguagem coloquial que o aproxima de seu público. Portanto, independe do sotaque apresentado pelo humorista, a comunicação ocorreu de forma efetiva. Assim, apesar das diversas formas variacionais ocorrerem ou não, elas cumprem funções essenciais para a interação, logo, a variação não se torna subalterna as demais línguas padrões (CAMACHO, 2010).

Dessa forma, conclui-se que é por meio de discursos como este que se criam identidades baseadas em conceitos estereotipados em relação ao sotaque, além de acarretar o preconceito linguístico. Inclusive, nota-se que a concepção de sotaque do comediante é baseada em uma visão disseminada pelos meios de comunicação, pois representa o mineiro com o sotaque similar ao ‘caipira’ e isso ocorre devido a representação que a mídia, mais necessariamente, as novelas propagam.

A mídia é formadora de opiniões, e ditadora de modelos a serem seguidos. Portanto, os conteúdos veiculados podem vir a resultar em uma estereotipagem de massa. [...] o mundo que vemos na televisão, por exemplo, é aquele filtrado e ressignificado pelos meios de comunicação. Há uma interação entre as crenças e valores dos indivíduos com os conteúdos e estrutura dos programas televisivos, como as novelas. (STEINBERG, 1972 apud PELINSON; SILVA; RIBEIRO, 2014, p.4)

No entanto, os diversos usos da linguagem têm sido aceito pelos meios de comunicação, incorporando, nas mais diversas variações linguísticas, os registros

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

linguísticos informais e as diferentes classes sociais. Por conseguinte, é possível notar esse fenômeno pelo modo de falar dos apresentadores que “constroem um estilo para que o telespectador/ouvinte se identifique. Também nas novelas, que buscam dar verossimilhança às personagens fazendo-as aparentar naturalidade” (PELINSON; SILVA; RIBEIRO, 2014, p.37).

Em compensação, de acordo com Pelinson, Silva e Ribeiro (2014), há veículos que ainda mantêm uma postura que defende o português falado conforme a norma padrão, baseado nas gramáticas tradicionais, o que demonstra o preconceito com as variedades regionais e/ou populares. Embora utilizem as formas coloquiais em determinados contextos, ainda, percebe-se a tendência de priorizar a ideologia normativista e a existência de um português ‘correto’ e ‘incorreto’.

7 Considerações finais

Tendo como base nos apontamentos feitos sobre sociolinguística e compreendendo que a língua é heterogênea devido as variações linguísticas, observamos, então, que as mudanças ocorridas na língua prevalecem por diversos elementos quando regem o âmbito social, pois sua transformação é ditada pelo contexto em que o indivíduo é inserido, ou seja, dentro de uma comunidade de fala.

Diante dessa concepção, conclui-se que as variantes funcionam como uma estratégia linguística entre os falantes de uma determinada localidade e certos estereótipos são criados, pois alguns meios de comunicação e, inclusive, o discurso humorístico com seu exagero ao representar a fala de algumas regiões, tendo como objetivo de provocar o riso, baseiam-se em identidades que não condizem com a realidade, o que acaba fomentando o preconceito linguístico e a exclusão social dessas pessoas.

Levando isso em consideração, o humorista Fernando Caruso, em seu *Stand Up Comedy*, enfatizou alguns tipos de variações regionais e essas foram baseadas em um senso comum, advindo, principalmente, de uma concepção generalizada sobre as localidades retratadas em seu show de humor, conferindo uma identidade que não condiz com o verdadeiro sotaque mineiro, carioca e curitibano.

Por conseguinte, percebe-se que a forma como essas CFs foram retratadas pelo comediante são provenientes do mito que é perpetuado por alguns falantes e estudiosos que acreditam na existência de uma variante superior as outras. De fato, isso corrobora com a falsa idealização de uma língua pura que por sinal não é vivenciada nas camadas sociais. E, o não apreço constado pelo humorista em relação ao sotaque carioca, nos faz induzir que há uma superioridade identitária e linguística, pois o profissional do humor considera que o curitibano e o mineiro se sobressaem sobre essa CF.

Dessa forma, a sociolinguística intensifica que essas construções ideológicas sobre a língua devem ser estudadas como meio de diminuir o preconceito e a exclusão social que é disseminada pelos meios de comunicação, por certos humoristas e alguns estudiosos e adeptos da gramática normativa. Além disso, essa ideia de “certo” e “errado” que são perpetuados ainda em nossa sociedade, advém de um modo de dominação estabelecido, tendo como objetivo fazer com que as minorias de nossa sociedade, que não possuem um grau de escolaridade ou nível econômico privilegiado, sintam-se inferiores e sejam submetidos as ideologias que são propostas pelas elites da população.

Referências

- ANDRADE, Valdete Aparecida. **Stand Up**: Caracterização de um gênero oral sob a perspectiva da análise de discurso crítico (ADC). Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia, 2017.
- ARAUJO, Marcilene de Assis Alves. A Linguagem e identidade cultural: uma abordagem Sociolinguística. **Web-Revista SOCIODIALETO**, v. 1, p. 1-19, 2011.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 31. ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- CARUSO, Fernando. **Fernando Caruso** – Sotaque. Youtube, 2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L2GRJu_fX_U.
- CASELLA, Cesar Augusto de Oliveira. A Representação da Variação Linguística em Tirinhas de Chico Bento (Dossiê História em Quadrinhos: Criação, Estudos da Linguagem e usos na Educação). **Revista Temporis [Ação]** (Periódico acadêmico

de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 16, n. 02, p. 82-96 de 469, número especial, 2016.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. O estudo da linguagem no contexto social. In: **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, p. 11-31, 2015.

CAMACHO, Roberto Gomes. Norma culta e variedades linguísticas. In: **Caderno de formação: formação de professores didática geral**. São Paulo: Cultura Acadêmica - Unesp, p. 34-49, v. 11, 2011.

CARVALHO, Leonora Guiné. **Estereótipo e identidade em piadas sobre mineiro: uma perspectiva da análise do discurso**. Três corações: Universidade Vale do Rio Verde de Três Corações, 2011.

COUPLAND, Nikolas. **Style: Language variation and identity**. United States of America, New York: Cambridge University Press, 2007.

DOLZ, Joaquim; NOVERRAZ, Michèle; SCHNEUWLY, Bernard. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento In: DOLZ, J.; SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004, Pp. 81-124. (Trad. e org. Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro).

FARACO, Carlos Alberto. Norma Culta, Norma-Padrão e Norma Gramatical. In: **Norma Culta Brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

GUIDA, Ângela Maria; EVANGELISTA, Joelma Sampaio. **De Minas para o mundo**. Virtú (UFJF), v. I, p. 1-5, 2005.

GÖRSKI, Edair Maria; COELHO, Izete Lehmkuhl; MAY Guilherme Henrique. **Sociolinguística**. Florianópolis: UFSC, 2011.

GUY, Gregory. A Identidade linguística da comunidade de fala: paralelismo interdialetoal nos padrões de variação linguística. **Organon**, Revista do Instituto de Letras da UFRGS, Porto Alegre, v. 28 e 29. p. 17-32.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.

LACERDA, Lucas Antonio. **A representação da identidade do 'Manezinho': Entre a arte e a vida**. Florianópolis: UNICAMP, 2013.

LOPEZ, Debora Cristina; DITTRICH, Ivo José. Identidade lingüística: regionalização ou padronização?. **BOCC**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, v. Único, p. 5, 2005.

MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. **Sociolinguistic: Method and interpretation**. Oxford England: Backwell Publishing Ltd, 2003.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

OLIVEIRA, Eliane Vitorino de Moura; BARONAS Joyce Elaine de Almeida. A identidade adolescente e a variação linguística. **Polifonia: Estudos da Linguagem**, v. 18, p. 191-206, 2011.

PAGOTTO, Emilio Gozze. **Varição e identidade**. São Paulo: Instituto de Estudos da linguagem (UNICAMP), 2001.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1997.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos et al. Gêneros orais: conceituação e caracterização. In Anais do SILEL, vol. 3, nº 1 . **XIV Simpósio Nacional de Letras e Linguística e IV Simpósio Internacional de Letras e Linguística**. Uberlândia: EDUFU, 2013.

RIBEIRO, Regiane Regina; LOPES, Anderson; PELINSON, Fabiana. Usos dialetais, estereótipos e preconceito linguístico na telenovela “Flor do Caribe”. **Vozes e Diálogo**, v. 13, p. 33- 47, 2014.

SEVERO, Cristina Gorski. A questão da identidade e o lócus da variação/mudança em diferentes abordagens sociolinguísticas. **Revista Letra Magna**, 2007.

Recebido em: 30/08/2020.

Aprovado em: 04/10/2020.